

## **AS CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DESENVOLVIMENTAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES XAVANTE<sup>1</sup> EM ESCOLAS URBANAS DE BARRA DO GARÇAS/MT**

Marly Augusta Lopes de Magalhães<sup>2</sup>  
professoramarlyaugusta@gmail.com  
Luciana Akeme Sawasaki Manzano Deluci<sup>3</sup>  
lucianaakeme@hotmail.com  
Luciene de Moraes Rosa<sup>4</sup>  
lucienerrrosa@gmail.com

110

### **RESUMO**

Há mais de uma década, lideramos o grupo de pesquisas: Fronteiras, Culturas, Identidades: espaço de diálogo com povos indígenas do Araguaia/Xingu, o que nos conduziu a uma série de reflexões relacionadas ao ensino e aprendizagem dos estudantes Xavante, principalmente, daqueles que estão deixando suas aldeias em busca de novos saberes em diferentes espaços urbanos. Nesse sentido, elaboramos o projeto de pesquisa: Didática Desenvolvimental: uma organização do ensino para estudantes Xavante em Escolas Estaduais Urbanas na cidade de Barra do Garças/MT, no qual apresentamos uma proposta de trabalho voltada para o ensino e aprendizagem dos estudantes Xavante para assim, romper com os padrões arcaicos e engessados de ensino para jovens indígenas em escolas públicas urbanas. Inspiramo-nos nas contribuições da teoria histórico-cultural e da didática desenvolvimental, tendo como principais representantes Vygotsky, Davidov e outros. Para concretização da proposta objetivamos, verificar as contribuições dessas teorias na organização do ensino para construção de novos caminhos que orientem a formação do pensamento teórico dos estudantes Xavante em contextos urbanos. Quanto à natureza metodológica, trata-se de uma pesquisa aplicada, uma vez que pretendemos a partir da prática, colaborar com esses estudantes no desenvolvimento de suas habilidades intelectuais. Quanto à forma de abordagem empregamos a qualitativa, pois nem sempre os dados podem ser traduzidos em números, mas como interpretação do fenômeno pesquisado. Como resultado, os alunos socializaram as descobertas feitas a partir das atividades, atentando para cada um dos objetivos específicos apresentados, inicialmente, em cada ação. **Palavras-chave:** Estudantes Indígenas; Escolas Públicas; Didática Desenvolvimental.

### **1. INTRODUÇÃO**

O artigo é fruto dos valiosos encontros e diálogos adquiridos nas horas dedicadas aos

<sup>1</sup> De acordo com as explicações do professor Xavante Gedeão, a palavra Xavante não se flexiona.

<sup>2</sup> Pós-Doutora pela UFG. Doutora em Ciências Linguísticas pela Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas (Cuba). Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Didática Geral pela Faculdade de Marília (São Paulo). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professora no Campus Universitário do Araguaia/UFMT.

<sup>3</sup> Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Ciências - 1º Grau pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra e em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Atualmente é professora formadora de matemática no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO-MT).

<sup>4</sup> Mestre em História pela UFG. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Fundação Educacional Dom André Arcoverde (FAA). Atualmente é professora formadora do CEFAPRO-MT.

estudos e as discussões referentes ao ensino e aprendizagem dos estudantes Xavante em Escolas Estaduais Urbanas na cidade de Barra do Garças/MT, bem como, da parceria, há mais de dez anos do Campus Universitário do Araguaia/CUA/UFMT e, o grupo de Professores Formadores do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica Polo de Barra do Garças/MT, CEFAPRO/BG/MT. E, tem como cenário a presença de novos atores, estudantes indígenas Xavante em espaços públicos urbanos. Jovens que estão deixando suas aldeias em busca de um futuro no qual haja mais respeito com sua cultura, sua língua e, sobretudo, com suas ideias, a fim de que possam ser concretizadas em todas as formas de variações individuais, sejam na maneira de agir, falar e, até mesmo no silenciar.

O primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX, 1986, p. 39)

Este, é um fato que serviu de base para o nosso trabalho, pois até hoje ressoam em nossa sociedade dizeres que aliam os indígenas a seres menores, não humanos, incapazes, enfatizando que eles não devem deixar suas aldeias em busca de sobrevivência em espaços urbanos.

Nesta perspectiva, nada como verificar cuidadosamente as partes, para se ter exatamente a ideia do todo. Participar efetivamente da vida destes estudantes indígenas em espaços públicos urbanos requer mais do que apontar problemas com a aprendizagem da língua institucionalizada, requer, sobretudo, mostrar “que uma língua como o português, em toda sua complexidade, se manifesta de diversas formas”. (FERRAREZI, 2014, p. 24).

E, assim, pensando na complexidade e nas diversas manifestações da Língua Portuguesa, bem como, o convívio diário com estes jovens motivou-nos a elaborar um experimento didático formativo, no qual procuramos abordar alguns aspectos relacionados a didática desenvolvimental, a fim de romper as barreiras de ensino e aprendizagem da segunda língua, destes jovens, principalmente, àqueles matriculados em escolas públicas urbanas.

Além de as identidades culturais não serem uniformes ou fixas, o que ocorre na sala de aula não é simples justaposição de culturas. Ao Contrário: as identidades culturais nela presentes (tanto de professores, quanto de alunos) esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando-se e influenciando-se continuamente, o que torna a escola contemporânea não o lugar de “biculturalismo”, mas de interculturalidades. (CAVALCANTI e BORTONI-RICARDO, 2007, p. 89).

Nesta perspectiva, fez-se necessário à busca de novas reflexões no processo educativo, a fim de que o coletivo escolar passasse a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar não só as próprias ações, mas sobretudo, buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem dos estudantes indígenas, sem com isso serem colocados como meros expectadores dos avanços estruturais de nossa comunidade, mas instrumentos de enfoque motivador desse processo.

Para a elaboração de nossas atividades contamos com as valiosas contribuições de cada um dos pesquisadores, dentro das esferas de preocupações, áreas de estudos e investigação, a fim de contribuir para o pensar e o repensar a educação indígena em espaços públicos urbanos.

Assim, três professoras, trabalharam simultaneamente, para mostrar, através de experimentos didáticos, a importância do ensino desenvolvimental e sua dimensão para as ciências linguísticas, históricas e matemáticas. No que diz respeito à aquisição dos conceitos empíricos e teóricos, por considerarmos que o trabalho com a teoria histórico-cultural e da didática desenvolvimental apresenta grande importância, não só para o ensino da Língua Portuguesa, mas sobretudo, para o ensino de História e das Ciências Matemáticas. Assim, dentro do mesmo projeto desenvolvemos atividades relacionadas a Língua Portuguesa, a História e a Matemática e, dessa forma, permitir que os alunos indígenas reconhecessem as diferentes linguagens que circulam socialmente.

Nessa perspectiva, então, os resultados obtidos por meio das atividades, em parceria, são frutos da atuação de um grupo de professores comprometidos com a educação, principalmente, com a educação dos estudantes indígenas que, por questões históricas, políticas e ideológicas, estão deixando suas aldeias, a fim de garantir os direitos de aprender a ler e a escrever não só em sua língua materna, mas também, na língua institucionalizada pelas políticas públicas de ensino.

A cultura do aluno manifesta-se, de forma muito menos tangível, no próprio cotidiano escolar, pois é ela quem lhe fornece orientações sobre quais seriam os modos apropriados de se comprovar verbalmente e não verbalmente em sala de aula. Uma vez que questões de estilo comunicativo são quase sempre inconscientes e estão intimamente associadas às identidades dos falantes, e uma vez que as culturas interacionais servem para preservar e marcar fronteiras identitárias, é de se supor que professores e alunos em contextos de ensino/aprendizagem multiculturais tendam a seguir suas próprias regras de apropriabilidade no uso da linguagem. (CAVALCANTI e BORTONI-RICARDO, 2007, p. 83).

Dessa forma, consideramos que as contribuições do ensino desenvolvimental para o trabalho com estudantes indígenas, eram fundamentais, principalmente, por entendermos que estas teorias são imprescindíveis na formulação de hipóteses sobre o conteúdo dos textos com

os quais tenham construído familiaridade, atribuindo-lhes sentidos.

Diante deste panorama, propusemos, neste estudo, que o ensino dos conteúdos fosse trabalhado na perspectiva da teoria histórico-cultural e da didática desenvolvimental, a fim de que as barreiras linguísticas, dos estudantes indígenas fossem transpostas, pois o que temos presenciado é que os conteúdos, sobretudo, os de língua portuguesa são trabalhados de forma fragmentada e desordenada, em contraste com a simetria do pensamento teórico. Assim, os autores, LONGAREZI E PUENTES, posicionam-se:

[...] a psicologia histórico-cultural e a didática desenvolvimental afirmam que o verdadeiro papel da escola é o de criar um tipo específico de orientação pedagógica que permita desenvolver no aluno aquilo que fora dela não teria condições de desenvolver: o pensamento teórico. De modo que a função da escola é desenvolver no aluno as funções mentais superiores que o tornam humano tendo como foco o pensamento teórico, pela via da formação dos conceitos científicos e das ações mentais. (LONGAREZI e PUENTES, 2017, p. 22)

Com apoio nessas premissas, para realização do estudo, buscamos os fundamentos da pesquisa aplicada, uma vez que pretendíamos a partir da prática, colaborar com esses estudantes no desenvolvimento de suas habilidades intelectuais. Quanto à forma de abordagem empregamos a qualitativa, pois nem sempre os dados podem ser traduzidos em números, mas como interpretação do fenômeno pesquisado. Os temas relacionados a cada atividade foram apresentados aos alunos, em forma de ações e, dentro de cada ação, várias operações. Essas eram desenvolvidas de forma dialogadas e em pequenos grupos que utilizavam exemplos extraídos dos textos apresentados, textos elaborados por eles e/ou falados, pois se considera que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser somente quantificáveis.

## **2. OLHARES E FAZERES DISTINTOS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Segundo (LIBÂNEO, 2009, p. 109), “a aprendizagem escolar está centrada no conhecimento, isto é, no domínio dos saberes e instrumentos culturais disponíveis na sociedade e nos modos gerais de pensar e agir associados a esses saberes”.

Com base no exposto, realizamos o experimento com os estudantes Xavante que foi organizado a partir do processo de ensino e aprendizagem, apresentado por Vygotsky, Davydov, Libâneo, Marzari, entre outros. O experimento foi desmembrado em três (03) atividades, assim, resumidamente, descritas:

- 1) Estudos da Língua Portuguesa voltados para os aspectos linguísticos, verificados nos textos “Minha avó foi pega a laço” (Daniel Munduruku), “A Educação como direito humano fundamental e universal”. (Renato Zerbini Ribeiro Leão)
- 2) Os aspectos históricos: Nessa etapa, os estudantes indígenas participaram do curso temporalidades e narrativas históricas. Trabalhado pela prof.<sup>a</sup> Me. Luciene de Moraes Rosa.
- 3) O ensino desenvolvimental voltado para o ensino-aprendizagem das questões matemáticas, que será desenvolvido pela prof.<sup>a</sup> Me. Luciana Akeme, uma vez que, por questões relacionadas ao cronograma, este conteúdo, será ministrado no segundo semestre de 2019.

## 2.1.ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS

Quando os conteúdos são organizados de modo apropriado, existe maior possibilidade de contribuir com os aspectos culturais, sociais e, sobretudo, com o desenvolvimento do conhecimento individual desses estudantes. Assim, ao propormos esse experimento, a nossa preocupação não era somente o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, mas propiciar aos estudantes indígenas motivação e conhecimento a fim de que pudessem perceber e agir diante das mudanças ocorridas, historicamente, em suas vidas. Assim, foram propostas as seguintes ações:

A ação 1, que apresenta como pressuposto: transformar os termos da tarefa em relação ao conceito de leitura e produção de textos

### Quadro 1: descrição da primeira ação desenvolvida no experimento

**AÇÃO 1: Transformar os termos da tarefa em relação ao conceito de leitura e produção de textos**

**Objetivo de aprendizagem:** Compreender os elementos básicos do texto.

**Operação 01 – Leitura do texto:** “Minha avó foi pega a laço” de Daniel Munduruku

- a. Discutir com os colegas o que encontrou de valioso sobre a leitura;
- b. Produzir textos orais a partir das necessidades de cada estudante indígenas;

**Operação 02 – Destacar as palavras desconhecidas do texto.**

- a. Destacar as palavras desconhecidas em uma sequência lógica;
- b. Discutir com o grupo as dificuldades encontradas nesta atividade;
- c. Socialização das respostas discutidas nos grupos;

**Operação 03 – Pesquisar na internet as palavras desconhecidas.**

- a. Discutir o significado cultural das palavras encontradas;
- b. Socialização do que foi pesquisado;
- c. Ler para revisar, ler de maneira independente as palavras com as quais tenham construído familiaridade;

Com essa ação tivemos algumas surpresas, embora não apresentassem nenhuma resistência na elaboração das atividades escritas, muitos encontraram obstáculos ao expor suas ideias, tanto oralmente como através da escrita. Pois, raramente conseguiam expressar-se por meios concretos aquilo que apreenderam dos conceitos discutidos anteriormente. Assim, quase sempre tínhamos que traçar outros caminhos para que pudessem entender os nossos objetivos, a fim de que os trabalhos de modelação, próxima etapa, fossem reiniciados. Segundo (DELL'ISOLA, 1991, p. 32) “Ler é também uma forma de se adquirir conhecimento. É ter acesso aos bens culturais existentes, e seu aprendizado pretende, em geral, a adaptação do indivíduo ao meio ambiente (que muitas vezes não é o seu)”.

Com base no pensamento de que a liberdade e a confiança desses alunos, num “ambiente que não é seu”, pode enriquecer as situações de aprendizagem e, dessa forma, as trocas verbais acontecem nas mais variadas situações sociointeracionais. Para Cox e Peterson (2001, p. 157), “A troca vivida no estar-junto escolar representa para o aluno uma possibilidade de aprendizagem permanente e diversificada”.

Desta forma, uma palavra tomada no contexto de ensino e aprendizagem desses estudantes indígenas, abre as portas para a leitura e interpretação de outros textos carregados de ensinamentos morais, culturais e linguísticos, é que propusemos a ação 2. Que tem como pressuposto modelar a relação encontrada do conteúdo em forma objetivada.

**Quadro 2:** descrição da segunda ação desenvolvida no experimento

**AÇÃO 02: Modelar a relação encontrada do conteúdo em forma objetivada.**

**Objetivo de aprendizagem:** Elaborar um texto com base na leitura “A Educação como direito humano fundamental e universal”.

**Operação 01 –** Compreender o texto a partir do estabelecimento das relações entre as várias informações obtidas no processo de leitura.

- a. Discutir as diversas interpretações dentro de um mesmo texto.
- b. Socialização dos textos produzidos.

Devido a delimitação de páginas, escolhemos alguns textos produzidos pelos alunos

indígenas<sup>5</sup>, que nos forneceram elementos que permitiram traçar o perfil de cada um deles com relação ao ensino-aprendizagem da segunda língua (portuguesa).

A Educação tem **valorizo** (valor) para o mundo... para sociedade. Aluno A (grifo dos autores)

**A qui** (aqui) no país do **brasil** em o mundo dificuldade. (Brasil). Aluno B (grifo dos autores)

Como que as pessoas **verdes** (vendem) **na** lojas. (nas lojas). Aluno C. (grifo dos autores)

A educação **Brasileira** muitas coisas para aprender os povos, alguns não saber ainda, **as pessoas muda**, as pessoas **não mudar**. Aluno D. (grifo dos autores)

Observamos que nos textos elaborados pelos estudantes Xavante faltam elementos importantes para sua compreensão<sup>6</sup>.

Os estudantes indígenas nem sempre colocam em prática determinados aspectos relacionados ao que foi apresentado sobre as normas de produção textual, uma vez que escreveram, leram, revisaram e, ao mesmo tempo, interagiram com os outros colegas acerca dos textos lidos e os elaborados por eles, comentaram, na língua materna, com os outros colegas o que havia abstraído, houve um momento em que intercambiaram ideias sobre as relações entre os diferentes textos trabalhados e escritos. No entanto, notamos que, ainda, falta o essencial, conhecimento básico da estrutura da língua portuguesa. Para Libâneo (2015, p. 50), “o trabalho dos professores consiste em ajudar o aluno, por meio dos conteúdos, a adquirir capacidades para novas operações mentais ou modificar as existentes, com o que se operam mudanças qualitativas em sua personalidade”.

Ressaltamos, todavia, que a cada encontro aumentava a nossa perspectiva com relação ao aprendizado de cada estudante indígena, pois não podíamos usar os recursos de forma homogênea. Uma vez que o objetivo do ensino da língua portuguesa era permitir que eles ampliassem o domínio da linguagem na segunda língua e, assim, criassem situações que os possibilitassem no desenvolvimento das competências linguísticas e comunicativas. Acreditávamos que as atividades de leitura e produção de textos dariam a esses alunos condições cognitivas a fim de buscarem respostas para os problemas pessoais e coletivos, mesmo que não as encontrassem de imediato.

### **Quadro 3:** descrição da terceira ação desenvolvida no experimento.

**AÇÃO 03: Transformar o modelo com vistas a estudar as propriedades intrínsecas do conteúdo.**

<sup>5</sup> A fim de não expor a identidade dos alunos, usamos como identificação as letras do alfabeto: aluno A; aluno B; aluno C; aluno D.

<sup>6</sup> Textos produzidos pelos estudantes indígenas- atividade proposta na ação dois do experimento. Fonte: arquivo dos autores.

**Objetivo de aprendizagem:** relacionar o conhecimento dos itens lexicais das duas modalidades linguísticas: língua portuguesa e língua xavante.

**Operação 01:** Produzir um texto em língua portuguesa e traduzi-lo para a língua Xavante.

- a. Produção textual tendo como base a língua portuguesa e, em seguida, na língua materna,
- b. Produzir textos a partir de histórias ou acontecimentos conhecidos, adotando o procedimento de revisão, Correção dos textos produzidos.
- c. Socialização

A ação três (3) complementa a apreensão conceitual apresentada na modelação, a escolha da elaboração de um texto na língua nativa dos estudantes indígenas. E, assim, discutir a relação e uso de determinados termos relacionados as duas modalidades linguísticas, a Língua Portuguesa e a Língua materna Xavante<sup>7</sup>.

Dessa forma, as atividades exercidas pelos estudantes indígenas no cotidiano escolar, envolveram estratégias postas em ação, tais como: inferências, deduções, releitura do mesmo texto, a fim de verificar a compreensão, se houve uma identificação ou um distanciamento com as ideias dos autores, assumindo uma posição crítica, comentários e recomendações do que leram. Confrontando suas ideias com outros colegas sobre as interpretações geradas no decorrer das ações.

Quando eu era criança andava com meu pai, caçava na mata, pescava, enfim. Não admiraria que está por vir que o motivo era tão puro dentro da aldeia, escutava os cantos dos pássaros. Além do meu crescimento, meu pai, pensou para eu pode estudar na cidade, então ele me contou para me preparar e apresentou com os nossos anciões. Eu era tinha 3 anos de idade, após disso fui para a cidade de Sinop, eu ficava na casa de um advogado que o meu pai conheceu.

Então percebi muitas coisas que é diferentes dentro de nossa aldeia. Portanto o orgulho me levou para eu chegar ao nível de doutores.

Quando minha fêria chegou.

Minha fêria chegou e fui para aldeia para eu ficar com minha famílias. Eu pensei gue(que) ia descansar até o dia da aula do meu estudo chegar, então dormiu, e amanheceu, minha vó me acordou em 5:00 da manhã para gue (que) posso ajudar na construção de uma casa, e ajudei também na roça, devo me contribuir essa possibilidade do trabalho gues(que) eu estava suando de mais. Permitiu de superestimar o meu pecado, renovar minha vida, participei também da romaria dos homens, então tava muito cansado na volta da minha aulas do meu estudo na escola, além disso, a continuação de conquista do meu sonho.

Considero que vou realizar e, credo com nosso Senhor Deus Criador vai me ajudar, tenho certeza. Por isso não reclamei por cansado gues(que) eu estava tem naquelas férias de modo de fé gue(que) vai me levar de bom extenso. **(Aluno A)**

Wahã dzahadu ai'uté ré hã, wa iné mono imãmã tsiré. Aba duré tepe dzô hã.

Te imã te rówe mono, mari hã, we te i'a madô'ô mono nahã daró breb'hã, wate awapari tsihörö mono hã. Ótó iprédu wab'hã, imãmã hã te i ama rórsarata ri ahô uhã, tawab'hã te imã rówatsu'u teró petseda duré ihi nori te te tama iwai'hu'udzara nahã.

Tsi'ub'datô ma ótó i'ãmã tiwahu, taha parib'hã wamo Sinop ri ahô uhã, ware

<sup>7</sup> Os textos foram traduzidos para a língua Xavante pelo professor Xavante Gedeão Tewarté Butsé.

ihöi'mana **dadzawite itsimapawa** (advogado) nhörõ ware imãmã tsi wai'hu. Tawab'hã wa ama rótsarata mari hã ai'waptsi ödi waró'bre hã. Tadza hã imã rówedi iwitsi nahã, rówai'hu'u dza ëtë uhã. Niwa Iwa'utudzé imã iwitsi wab'hã. Iwa'utudzé mã imã wi, wamo irób'uhã ihöimana da itsitsânawã nori me hã. Wahã wa aré rótsarata iwa'utuda, rómnhoré inarata dzéb'uhã, tawab'hã wanhono maduré ti'awë irada mate i'utu imrötõ bötõ re, ri na da ama itsi me da, waduré da ama aimé buru na, imã hã wedi da ama itsi mé nahã, itsu tsa ëtë na te itsawari nahã. Iwë te i'atsuru nahã iwatsede hã, apo ihöimana dzé ité nahã, waduré da'mé ihöiba aibö nori mehã. Tahawa dzéb'mã iwatsutu uptabi na wate apo wi rómnhoré uhã, tadza hã wa ama udzutsi rówapé hã, inhimi rótsa wërë dzari nahã. Wadza ama ai'uté, waduré inhimidzadze höimana'u'ö nahã, rópótowa da ãmã dza i'ãmã itsi mé nahã, tsenã nahã. Tahawa itsiwaptari ödi, iwatsutu nhere. E mari bö iwa'utu dzéb'nahã wa inhimidzadze dza wena te idzaproni nahã. **(Aluno A)**

Minha história antigamente quando eu era pequena eu minha amiga agente( a gente) gostava muito junto, alguma dia ela vai visitar na minha casa eu também visitava na casa dela, as vezes ela domia(dormia) na minha casa, agente (a gente) cresce junto é muito amiga até hoje ainda...

Mas quando nós cresce agente(a gente) separou, fica junto por dos estudo eu era estudava no internato mas ela estudava na aldeia isso para mi(mim) é importante na minha vida porque é bom ficar junto com amiga para a vida sempre ser feliz, ninguém consegue ficar feliz sozinhos todo mundo tem companheirismo quando nós dois era pequena sempre fica junto bricava (brincava). Na verdade, ela filha de minha primo mas ela minha amiga, quer dize(dizer) melhora amiga também quando eu estudava no internato também, eu conhece(conheci) alguma menina, mas para mim isso não é amigo de verdade quando se conhece depois de crese. **(Aluno B)**

Durëi'hã ite rówatsu'u, dzahadu idzapóre ré hã hã duré idzawiwa mé hã watsiré iwa höimana dze, niwa bötõ nahã inhörõwa u tedza iteme wi duré wahã wa natsi iteme aimatsitsi, niwab'hã inhörõ wa ama tedza imé nhönõ, watsiré wawa prédu'ni, awa awi na dzémã itsiwi'hu'uptabi.

Ótó waprédu wab'hã wa watsiwi ai'wanhidzarini, wahã wa ótó rómnhoré da ubumröi'uhã tadza hã öhã te rómnhoré ri ãmã, imã hã imorida e tiha hai'wa wedi datsiré da höimana hã datsi wai'hu'u méhã, rówë natsi hã. Niwai'ma rób'dzei'ödi tsiwaprótsi hã, uburé te dá mã re höimana dzara datsi wai'hu'u mono hã. Dzahadu wanöri ba'ötõ réhã, watsimã iwatódze. Tadza hã awawi hã, inhi hudu ihitébré rá, itsi wai'hu duré i'amo hã da ubumröi u te rómnhoré wab'hã, itsiré ba'önõ wa mãi'wahu'u tadza hã imã hã datsi wai'hu'u ödi ótó daprédu pari hã.

Sáviane Redzamari'ö Wa'raiwë. **(Aluno B)**

Quando eu era criança eu não ficava com a minha mãe de dia, só brincava juntos com as crianças. Mas quando eu cresci, eu trabalhava. Minha vida melhora (melhorou) quando eu tinha 13 anos, aprende (aprendi) outras coisas, respeito (respeitar) outras pessoas.

No ano de 2015, eu saí fora da minha família para estudar lá no internato de Naboreiro perto de Rondonópolis. Eu estudei lá no internato até só no 1º ano. Quando eu saí fora do internato fiquei com muita saudade das meninas.

No ano de 2018, eu (tou) estou estudando na cidade em Barra do Garças, fazendo o 2ºano. (Do ensino médio). Agora eu ficava junto com meu pai. **(Aluno C)**

Wahã dzahadu ai'uté ré hã, ihöimana mono ödi bötõ nahã, inã tsiré hã, itsiré ai'uté nöri metsi wanatsi itó. Ótó iprédu wab'hã wanatsi róm'hu. Niwab'hã ótó i ãmã wahu wab'hã 13 hã, wa ihöimana dez, waduré rówai'hu'u, da ãmã da höimana prédu hã.

Wahu 2015. Nahã, wahã wa ótó watóbró itsitsãwã nöri wi hã ba'ötõ ubumröi'uhã Naboreiro Rondonopolis ratá hã. Wahã warómnhoré imorata ãmã tsi, da ubumröi'ãmã hã. Ótó niwa, wahã iwatóbró wab'hã da ubumröi'hawi, wa ipë'ëdzé petse itsiré ba'ötõ nori nahã.

Wahu 2018. Nahã wahã wa ótó rómnhoré ri ahö re Tsiba'apá (Barra do Garças) reb'hã, wa manhã maparané âmã. Awa'awi hã imãmã tsiré wa ótó ihöiba. **(Aluno C)**

Todos nós passamos por tempos difíceis que nos oprimem e causam grande dor. Seja dificuldade financeira, desemprego, doença, vícios, problemas no casamento ou em relacionamentos... Deus não te ignore, nem a sua dor, ele te ama se importa com você, ele ( quer) que você experimente o seu amor e sua paz. **(Aluno D)**

Uburé nahã bödö hã ipire hã wa' wate tsare dzara, duré mari hã ipire te wadzö re höimana dzara mono, rób'dzépada hã. Duré niwab'hã röpire tere höimana wadzö mono hã dzeru ânã hã, rómnhuri ânã hã, duré dahödze hã, rówai'hu'u watsedé hã, damrö nahã duré datsiré da höimana nahã. Höimana'u'ö hã te aiwê ö ödi'dza, irób'dzépata nahã, öhö mahã atsawidi, duré öhö mahã wedi atsawi tedza te ai'mã tsömri duré rób'haré hã. **(Aluno D)**

Quando a gente é criança agente (a gente) não sabe nada praticamente, mas com o tempo agente (a gente) vai aprendendo muitas coisas. Eu particularmente já aprendi muitas coisas com o tempo. Com o tempo, a gente vai crescendo, vai conhecendo como é a realidade, vai mudando (mudando) o jeito que agente (a gente) é. Se tem uma coisa que a gente aprende com o tempo, é a sabedoria acadêmica, títulos de mestres, acúmulo de experiência pessoal. Com o conhecimento que aprendemos com as outras pessoas. Pessoas que fazem diferença na nossa vida, mesmo que não permaneçam conosco para sempre. **(Aluno E)**

Wanori hã dzahadu ai'uté réhã, mari hã ibö wate re wai'hu'udzara mono ödi, tadza hã atema na wa wate re rówai'hu'u dzara. Wahã wato rówai'hu'u até mânã. Duré até mânã, ware wa prédub'dzara duré wa wate re rótsare tzedzara rób'höimana dzéb'nahã, tedza mari hã tsitsapridzara mono, wanori hã. Duré até mânã wate re rówai'hu'u dzara mono wab'hã rówaihu'u rómnhoré rãihö uhã, rówai'hu'u dza etê wanori hã, rówai'hu wate tsa etê dzara mono wab'hã. Rówai'hu'u nahã wa wate rówai'hu'u dzara mono dahã duré da höiba ömöi uhã. Tsimã iwê na önhêrê ware watsi wai'hu'u dzara mono, watsiré höimana dzara mono dai'önhêrê öné u'ö tsi hã. **(Aluno E)**<sup>8</sup>

Na descrição da segunda ação, desenvolvida no experimento, tínhamos como meta principal o aprimoramento do ensino e aprendizagem dos estudantes Xavante em suas elaborações escritas e, assim, consolidar um conjunto de balizas sobre a leitura e produção de textos desses alunos. Pois tínhamos em mente, ao propor este trabalho, que é a leitura constante que nos fornece os subsídios relevantes para a ampliação do conhecimento. Sabíamos que o repertório desses estudantes, com relação a leitura e produção de textos relacionados a segunda língua(portuguesa) era bastante limitado quanto ao modo de interpretar os eventos relacionados ao mundo dos não índios.

Dessa forma, entre os vários textos que emergiram dos diálogos realizados com os estudantes Xavante, consolidamos uma síntese, destacando alguns pontos fundamentais de suas produções:

<sup>8</sup> Textos produzidos pelos estudantes indígenas- atividade proposta na ação três do experimento.  
Fonte: arquivo dos autores

A Educação tem **valorizo** (valor) para o mundo... para sociedade. Aluno A (grifo dos autores)

A **qui** (aqui) no país do **brasil** em o mundo dificuldade. (Brasil). Aluno B (grifo dos autores)

Como que as pessoas **verdes** (vendem) **na** lojas. (nas lojas). Aluno C. (grifo dos autores)

A educação **Brasileira** muitas coisas para aprender os povos, alguns não saber ainda, **as pessoas muda**, as pessoas **não mudar**. Aluno D. (grifo dos autores)

Assim, pela observação e análise, percebemos, nos primeiros textos produzidos, a grande dificuldade dos estudantes Xavante, quanto ao domínio de certas normas de escrita. Pois, ainda, não sabem como empregar as variedades linguísticas relacionadas a língua institucionalizada, ou seja, estão muito distantes da variedade considerada de prestígio. Mesmo usando como ferramenta de pesquisa o dicionário digital, não foram capazes de inferir o sentido das palavras usadas no contexto de leitura e de escrita. Observamos que não há uma sequência lógica de ideias, o uso dos verbos, muitas vezes, equivocado, o que pôde deduzir que ainda não foram incorporados em suas práticas cotidianas, de produção textual, elementos imprescindíveis em sua construção.

Apesar das características peculiares de cada um, é importante oferecer meios para que possam trabalhar com a diversidade. Assim, o que eles percebem nos sinais gráficos que formam as palavras, ou seja, as letras, muitas vezes, não correspondem a sua realidade de fala e de escrita, por exemplo: as vogais são a base das sílabas da Língua Portuguesa, no entanto, as vogais da Língua Xavante, além dessa função, possuem outras conotações, tais como, (î = cupim), (o = ö = água), (U = água parada). As consoantes “s” e “z”, são utilizadas somente combinadas com (ts) e (dz), formando assim, os fonemas /s/ e /z/. Salientamos, apenas algumas questões que consideramos fundamentais no desenvolvimento da produção escrita dos estudantes Xavante. Como foge ao escopo do nosso trabalho proceder a uma análise detalhada do sistema fonológico das línguas em questão, procuramos apenas mostrar alguns dados que acarretam sérios problemas na competência linguística e comunicativa dos estudantes xavante, no estabelecimento de relações entre diversos segmentos do próprio texto.

Dessa forma, ao final de cada ação, eram incluídos exercícios sobre os textos em questão. Estes eram dispostos em graus de complexidade crescente e em sequência conforme o entendimento dos alunos. Assim, a realização das atividades individuais envolvendo os diversos aspectos de leitura e produção de textos, proporcionaram aos estudantes Xavante procedimentos e estratégias de buscas e questionamentos, fatos muito difíceis de ocorrer com os jovens indígenas.

Além disso, percebemos que as atividades divididas em ações proporcionaram interação

com a prática, pois os estudantes indígenas, nos diferentes momentos de correções eram capazes de identificar as imperfeições de seus textos, muitas vezes, refletir sobre elas e, tentar buscar soluções. As primeiras dificuldades de escrita foram transformadas, os textos ilegíveis da primeira tentativa foram adquirindo um novo formato de legibilidade.

Salientamos, que o experimento não apresentou respostas prontas, mas subsídios para que eles pudessem criar espaços fecundos de reflexões sobre construção de novos conhecimentos dos elementos linguísticos na segunda língua (Portuguesa).

### **3. CONCLUSÕES**

Podemos dizer que, uma das características mais importantes no experimento formativo foi o fato de que ele contribuiu para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos indígenas, pois só vivenciando situações concretas é que temos condições de contribuir para suas aprendizagens em contexto das escolas públicas urbanas. Observamos que, o ensino desenvolvimental possibilitou que os alunos indígenas refletissem sobre as escolhas que tinham à sua disposição, a fim de que pudessem formular enunciados sem que memorizassem nomenclaturas gramaticais ou que se detivessem em análise de enunciados fora do seu contexto cultural.

Dessa forma, os textos apresentados pelos estudantes indígenas nas ações de produção escrita com base nas atividades da teoria desenvolvimental configuraram-se em dados relevantes para análise do processo de ensino-aprendizagem desses alunos em escolas públicas urbanas. O que se pôde observar, por fim, é que a riqueza dos textos dos estudantes indígenas centrou-se, não na forma como foram produzidos, mas sobretudo, no que eles revelaram em suas respostas fundamentadas no diagnóstico do ensino desenvolvimental.

Diante dessa realidade, de ampliação das competências linguísticas desses alunos que enfrentam uma nova realidade, não basta apenas a produção de textos, torna-se necessário o trabalho com a segunda língua (portuguesa), na escrita, na fala, não só no espaço escolar, mas em diferentes lugares e condições em que eles possam ser os próprios protagonistas de suas aprendizagens.

A partir dos estudos sobre o processo de produção textual dos estudantes Xavante, ficou comprovado que, antes de tudo, é preciso desenvolver atividades que contemplem todos os níveis linguísticos, buscando a aproximação dos variados aspectos culturais e sociais.

## **THE CONTRIBUTIONS OF DEVELOPMENTAL TEACHING IN TEACHING LEARNING OF XAVANTE STUDENTS IN URBAN SCHOOL/BARRA DO GARÇAS /MT**

### **ABSTRACT**

It is been over a decade, we lead a research group: Borders, Cultures, Identities: dialogue space with indigenous people of Araguaia/Xingu, what took us to a series of reflections related to the teaching and learning of Xavante student, mostly, of those ones who are leaving their village to look for knowledge in different urban spaces. In this sense, we elaborated a project of research: DEVELOPMENT TEACHING: A teaching organization for Xavante students in Urban State Schools in the city of Barra do Garças / MT, whereupon we show a proposal for the teaching and learning of Xavante students, and so, break the archaic and rooted education pattern of young indigenous in urban public schools. We sought as an inspiration the contributions of cultural-historical theories and the development teaching, having as main representatives Vygotsky, Davidov and others. To the embodiment we planned verify these theories contributions to the organization of the teaching to build new ways that guide the shaping of the theoretical thinking of Xavante students in an urban context. As for the methodological nature, it is about an applied research, once we pretend beginning in the experience, cooperating with the intellectual abilities development of these students. As for the approach we chose the qualitative, because the data are not always able to be represented in numbers, but as an interpretation of the searched phenomenon. As results, the students socialized what they learned with activities, attempting to the specific objective presented firstly, in each action.

**Keywords:** Indigenous Students: Public schools/ developmental Didactics

122

### **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTI, Marilda C., BORTONI-RICARDO, Stella aris(orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

COX, Maria Inês Pagliarini, PETERSON, Ana Antônia de Assis. **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DAVÍDOV, Vasili Vasilievich. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación psicológica, teórica y experimental**. Moscou: Editorial Progreso, 1988.

FERRAREZI JR, Celso. **Sintaxe para a educação básica: com sugestões didáticas, exercícios e respostas**. São Paulo: Contexto, 2012.

LEÃO, Renato Zerbini Ribeiro. **A educação como direito humano fundamental e universal**. Revista Jurídica Consulex, Brasília: Editora Cosulex, 2011.

LIBÂNEO, J. C. A teoria do ensino para o desenvolvimento humano e o planejamento de ensino. In: **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 353-387, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/issue/view/261/showToc>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

LONGAREZI, Andréa Maturano e PUENTES, Roberto Valdés (Orgs.) **Ensino**

**desenvolvimental: vida, pensamento e obras dos principais representantes russos.** 3. ed. – Uberlândia: EDUFU, 2017.

MARZARI, Marilene. **Ensino e aprendizagem de didática no Curso de Pedagogia: contribuições da Teoria Desenvolvimental de V. V. Davydov.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã.** 5ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semenovih. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

Recebido em 30 de agosto 2019. Aprovado em 25 de novembro de 2019.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso – Brasil – iniciada em 2011.